

Por entre memórias e silêncios: representações literárias das guerras em Angola e Moçambique

Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco*

Resumo

Representações da guerra em poetas de Angola e Moçambique. Lutas anticoloniais e utopias libertárias. A guerra civil e o clima de desestabilização e desencanto. Fraturas e descontinuidades históricas. Os sonhos fissurados e as distopias sociais. Catástrofe e melancolia. Memória e esquecimento. Alegorias e metáforas. A busca de exorcização das experiências da barbárie por meio de elaborados exercícios poéticos: palavras e silêncios em carne viva. Os horrores da guerra repensados e ressignificados pela beleza e pelos prazeres da arte. A poesia lírica como expressão não apenas de subjetividades individuais, mas também de rupturas e impactos sociais.

Palavras-chave: Memória; Guerra; Poesia; Angola; Moçambique.

É nosso propósito apresentar reflexões em relação às guerras vivenciadas pelos angolanos e moçambicanos, após suas respectivas independências políticas ocorridas em 1975. Essas guerras não podem ser conceituadas, apenas, como civis, uma vez que tanto Angola, como Moçambique sofriam, na época, pressões do capitalismo veiculado pelos Estados Unidos e África do Sul, países interessados na perpetuação do choque interno, nas fissuras entre a União Nacional para a Independência Total de Angola – UNITA e o Movimento Popular para a Libertação de Angola – MPLA, entre a Resistência Nacional Moçambicana – RENAMO e a Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO. Em Moçambique, com a consciência de que havia pressões externas, muitos preferiram chamar de guerra de desestabilização às lutas desencadeadas após 1975. Mia Couto, avaliando os

* Universidade Federal do Rio de Janeiro.

trinta anos da independência moçambicana, mostrou justamente isso numa palestra por ele proferida na Suíça, em 2005. Segundo o escritor,

(...) fala[va]-se da guerra civil em Moçambique como se esse conflito tivesse tido apenas contornos endógenos. [Entretanto, é] preciso não esquecer nunca: essa guerra foi gerada no ventre do apartheid, estava desde o início inscrita na chamada estratégia de agressão total contra os vizinhos da África do Sul. (COUTO, 2005)

Também Ruy Duarte de Carvalho compartilha de semelhante visão no que diz respeito à guerra angolana, conforme podemos depreender de reflexões suas, no livro **Actas da Maianga**. Cito Ruy Duarte:

O que estou a tentar dizer é que em meu parecer não dá para tratar, nem para entender, comentar ou julgar a guerra de Angola, e com ela os Angolanos a quem são (...) levianamente imputadas todas as responsabilidades e culpas (...), sem situar a guerra de Angola no quadro de uma implicação global de interesses e de atuações que acionam, mantêm e reproduzem a guerra. (CARVALHO, 2003, p. 24)

Há, pois, que avaliar as experiências das guerras do período da pós-independência em Moçambique e Angola como consequências de choques sociais internos (entre FRELIMO e RENAMO, entre MPLA e UNITA) e externos. Para Naomi Klein, no livro **A doutrina do choque**, o método mais usado para moldar o mundo, de acordo com as metas lucrativas das grandes multinacionais, é explorar, de maneira sistemática, o estado de medo, os interesses conflitantes que advêm dos grandes períodos de crises.

No início das guerras do pós-independência em Angola e Moçambique, a URSS experimentava um sistema comunista de orientação stalinista e, num contexto de guerras de interesses globais, apoiava o MPLA e a FRELIMO, com a participação de Cuba também, no caso de Angola. Portanto, essas guerras travadas no continente africano, de 1975 a 1989, se encontravam, em geral, num quadro de ganhos e intenções geopolíticas mundiais, incentivadas pelo contexto da bipolarização (capitalismo x socialismo) que durou, aproximadamente, até a queda do Muro de Berlim.

Uma outra reflexão acerca das guerras se apóia numa perspectiva

individual, psicológica que entende os conflitos e choques como registros de vivências em processo. De um lado, as guerras são o registro trágico de momentos vividos, marcam instantes de catástrofe e trauma, convertendo-se em cicatrizes de experiências únicas: de dores, carências, sofrimentos. De outro lado, quando as guerras terminam, seus registros se tecem por um jogo de memórias e esquecimentos, pois há situações cruéis, cujo horror não pode ser lembrado. Assim, a escrita das guerras é feita de memórias e esquecimentos. Inscreve, no presente, a historicidade de seres, cujos dramas terríveis precisam ser contados, poetizados, exorcizados.

As guerras podem ser ficcionalizadas, virtualizadas, mas são únicas no dilaceramento, nos danos morais e emocionais, nos sofrimentos reais que são imputados às pessoas e aos povos. As guerras fratricidas, fracionistas que se desenvolveram tanto em Angola, quanto em Moçambique, logo após as independências, trouxeram, e trazem até hoje, perdas irreparáveis a essas sociedades, tanto nos aspectos sociais e econômicos, como nos aspectos psicológicos e humanos. Os horrores das guerras, por intermédio de formas alegóricas e metáforas textuais, podem ser ressignificados pela beleza e pelos prazeres da arte. No entanto, jamais devemos esquecer que a concretude das histórias vividas não pode ser totalmente sentidas ou explicadas seja pela literatura, seja por outras formas de representações artísticas.

Escrever sobre as guerras, articulando a escrita como instrumento de luta, como arma inteligente de combate foi a intenção de poetas como Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e outros, numa época em que as certezas e os sonhos revolucionários animavam os combates em prol das independências. Essas guerras anticoloniais tinham um inimigo concreto: o colonialismo. Havia ainda uma certa ética, pois os exércitos se dividiam, com clareza, entre colonizados e colonizadores. Como diria Luandino Vieira, eram guerras que, metaforicamente, opunham “fazedores de chuva” aos “caçadores de nuvens”. Já as lutas travadas após as libertações políticas de Angola e Moçambique se transformaram em duelos, verdadeiras carnificinas que não respeitaram nem filhos, nem irmãos da mesma pátria. Interesses exógenos se mascararam, então, em endógenos; muito sangue fraterno correu em vão, dilacerando as nações recém-libertadas.

Em relação à guerra anticolonial e à de desestabilização que sucedeu a

libertação de Angola e Moçambique, alguns escritores e poetas se posicionaram, escrevendo sobre esses conflitos como, por exemplo, José Craveirinha, Arlindo Barbeitos, entre outros. Construindo elos profundos com a memória, vozes poéticas como essas buscaram, política e artisticamente, dizer as guerras. Não há, entretanto, nesse dizer nenhuma sanha masoquista; ao contrário, o ato de lembrar, de não esquecer é uma forma de reflexão crítica para que o pânico vivido nunca mais venha a ocorrer na realidade. Há, por conseguinte, um evidente objetivo estético e político na atitude desses escritores, cujas escritas literárias, além de cumprirem um ritual de exorcização da dor e da crueldade, tentam abrandar, em parte, os sofrimentos e as feridas, transformando-os, pela beleza da linguagem poética, em matéria-prima da própria arte. Houve e ainda há, entretanto, muitos silêncios que revelam quão bloqueados estão os caminhos do lembrar. O esquecimento se impõe como defesa, como forma de evitar memórias tão dolorosas.

De acordo com o pensamento de Harald Weinrich, as guerras podem ser “orgias de esquecimento” (WEINRICH, 2001, p. 222), pois quem viveu o horror provocado por situações cruéis de combate, para se proteger, procura esquecer as experiências traumáticas. Cenas terríveis flutuam entre a faculdade de lembrar e a de esquecer, tornando-se memórias de palavras, representações no imaginário de artistas e poetas. “Eric Hobsbawn caracterizou o século XX como a ‘era das catástrofes’, em razão do impacto violento de uma série de experiências de destruição em massa” (GINSBURG, 2003). As guerras exprimem um pavor extremo que precisa ser esconjurado.

Embora traga em si a determinação de evidenciar-se em meio às destruições, a palavra poética não conquista, no livro **Fiapos de sonhos**, de Arlindo Barbeitos, uma posição emancipatória. O movimento da escrita do poeta, nessa obra, é tenso, retorcido, melancólico e esgarçado; mas, ao mesmo tempo, sua poesia consegue se opor à desumanização da guerra ao redor e lançar lampejos de esperanças que cumprem a dolorosa função de iluminar um teatro real de crueldades e ruínas. Há, desse modo, um certo erotismo que se desprende dos versos e instiga reflexões acerca das muitas mortes e das vidas que restaram por entre os escombros.

Algumas vozes líricas refletiram sobre a violência em Angola e em Moçambique, nos tempos da pós-independência, procurando inocular, por intermédio da eroticidade própria da linguagem da poesia, um pouco de energia vital no corpo mutilado das “pátrias divididas”. Néelson Saúte, jovem poeta moçambicano que surgiu em meados dos anos 1980, demonstra em seus poemas plena consciência de que as guerras, principalmente as da pós-independência que não respeitaram nada, nem as tradições, nem os sentidos éticos humanos, acabaram por fracionar ainda mais Moçambique, fazendo desta uma pátria mutilada. O sujeito lírico do poema de Saúte escreve com a “mão emboscada na metáfora”, mas esta não se mostra capaz de apagar o medo entranhado não só no tecido social profundo, mas também na pele das palavras da poesia e ficção moçambicanas desse período. Cito:

Os mortos tombam no poema.
Nada os ampara. Nem a luz
acanhada do candeeiro
quando escrevo na obscuridade
ao pulsar da mão emboscada
na metáfora que me conduz.
(...)
O algoz estilhaçou o coração
frágil da criança aos gritos
nas imagens do apocalipse na televisão.
(...)
Não se enterram os sonhos
dos mutilados em perfil
no chão ultrajado
desta pátria dividida.
(SAÚTE, 1993, p. 63)

Também em Angola, a visão apocalíptica das lutas fratricidas entre o MPLA e a UNITA leva alguns poetas e escritores a representarem literariamente a guerra, buscando, por meio de alegóricas imagens, amenizar os choques nefastos gerados na sociedade. O poeta angolano Arlindo Barbeitos teceu sua poesia entre a ameaça de “aviões mortíferos”, metafóricos pela imagem de “pássaros canibais”, e os “fiapos de sonhos” que ainda resistem nos espaços intervalares da sangrenta realidade à sua volta.

O sujeito lírico dos poemas de Barbeitos possui uma triste consciência de orfandade, das cisões e mutilações que bloquearam em grande parte os sonhos em Angola.

a sul do sonho
a norte da esperança
a minha pátria
é um órfão
baloiçando de muletas
ao tambor das bombas
a sul do sonho
a norte da esperança
(BARBEITOS, 1992, p. 46)

Há nesse poema a descrença da guerra, um sentimento de inutilidade frente às utopias revolucionárias que ficaram para trás. Aqui, as lutas não são em prol de um ideal, como nos tempos da Revolução. Analisando-se o primeiro livro de Barbeitos, intitulado **Angola, angolê, angolema**, notamos que foi escrito no calor das lutas libertárias. Nessa ocasião, a guerra tinha um fim evidente: depor o colonialismo e proclamar a pátria angolana. Assim, esse tipo de guerra era percebida como sinônimo da independência a ser conquistada.

Também a poética de Agostinho Neto defendia os ideais revolucionários desse tipo de guerra, cujas representações poéticas firmavam uma espécie de memória-pacto direcionada à construção e afirmação da nacionalidade. Era uma época em que os horrores das lutas conviviam com sonhos e sangues germinantes de uma pátria e uma liberdade imaginadas:

Nos nossos dedos crescem rosas com perfumes da indomabilidade do Zaire
com a grandiosidade dos troncos do Maiombe
Nos espíritos a caminhada da amizade pela África, pelo mundo
Os nossos olhos, sangue e vida
voltados para as mãos, acenos de amor em todo mundo
mãos em futuro sorriso inspiradoras de fé na vitalidade da África

(...)
germinantes sob o solo da esperança
criando laços fraternos na liberdade do querer
(...)
(AGOSTINHO NETO, 197-)

Após a independência, as utopias libertárias arrefeceram pelo choque de guerras fratricidas, fomentadas por potências estrangeiras. Distopias envolveram os antigos sonhos e os esgarçaram. No início dos anos 1990, ocasião em que Arlindo Barbeitos publicou **Fiapos de sonho**, muitas das produções poéticas de Angola tomavam essa direção. Havia, então, ainda, uma vaga procura dos sonhos, mas estes, conforme Paula Tavares, se encontravam “fissurados”.

Adorno, refletindo sobre o horror dos campos de concentração nazistas, declarou que, depois de Auschwitz, não era mais possível escrever um poema (ADORNO, 1986). Para ele, qualquer tentativa de representar o holocausto seria uma traição à verdade, uma injustiça para com as vítimas, uma banalização insuportável. Essa posição radical de Adorno foi posteriormente atenuada, quando ele reconheceu que a arte podia enfrentar a representação de tais calamidades sem trair sua carga estética. Hoje, estudiosos da catástrofe como, por exemplo, Márcio Seligmann, percebem, nas representações desta, a função de desconstrução do próprio “trauma”, aqui entendido, segundo parâmetros freudianos, como algo tão terrível, que o ego não consegue metabolizar. Ao ser simbolizado, o “trauma” tem acesso a associações com outras representações, sofrendo, desse modo, um desgaste natural que lhe amaina os negativos impactos. Tal teoria, por conseguinte, defende a importância das artes como agentes de abrandamento de profundos choques, pois, por desencadarem prazer estético, podem amortecer memórias dolorosas e insuportáveis. Esse enfoque teórico compactua com a visão de Adorno, para quem a poesia participa da história, tendo um papel de crítica à desumanização promovida pelas experiências de barbárie (GINSBURG, 2003).

No quadro das letras moçambicanas, muitas vezes líricas refletiram acerca dos tempos de violência do pós-independência. Poetas escreveram sobre os longos períodos de guerra, sobre os anos sombrios, momento em

que as armas desviaram a morte de seu percurso natural, relacionado, segundo crenças africanas, ao encontro com os antepassados. De acordo com tais tradições, morrer não apresentava conotação negativa, desde que os óbitos cumprissem os rituais para que os mortos ingressassem em harmonia na outra fase da existência. As guerras descumpriram esses ritos, jogando milhões de cadáveres em valas comuns, deixando-os apodrecer ao relento. Néilson Saúte denunciou isso de modo alegórico e pungente:

(...)
Na ignomínia noticiada pelos jornais
esta consentida memória dos mortos
para sempre insepultos
porque não existe vala comum
para os gritos da mulher
rasgada à baioneta
numa manhã inocente.
(...) (SAÚTE, 1993, p. 63)

Também Craveirinha, no livro **Babalaze das hienas**, publicado em 1992, representa alegoricamente a barbárie: mostra a guerra entre a FRELIMO e a RENAMO, exacerbada, sem utopias, prenhe de requintes péfidos de crueldade:

Aquele bebé
não tem precisão
da mãe para mamar.

Não tivesse ela sucumbido à geral
seu leite materno também não chegaria
ao bebé hasteado no bico
de uma baioneta
(CRAVEIRINHA, 1992, p. 30)

Nessa obra, Craveirinha acusa a falência das utopias revolucionárias, após a independência, demonstrando que a brutalidade se tornara anônima, gratuita, perdendo a aura heróica dos tempos guerrilheiros, quando se matava ou morria em nome de uma bandeira, de um sonho. Os poemas de seu livro **Cela 1** participam dessa ideologia: ostentam, de um lado, o medo, a memória, a guerra das palavras e das armas; de outro, uma réstia de

esperança, a crença na liberdade, a idealização da pátria a ser conquistada:

Aqui
onde nem um pide nos ouve
a gritar no dialecto nacional dos oprimidos
os mais fantásticos sonhos

construímos
com o invisível material da esperança
(...) (CRAVEIRINHA, 1980, p. 27)

Conforme Fátima Mendonça, a partir dos anos 1980, o novo paradigma das tendências estéticas em Moçambique se orienta por um lirismo mais intimista. É uma nova dicção poética que se caracteriza por teorizar sobre o próprio fazer literário, despertando os leitores para a crítica das contradições sociais existentes no contexto da pós-independência. A poesia lírica, então, a par de expressar subjetividades individuais, mesmo pelo silêncio, alegoriza rupturas e desencantos de ordem social. Eduardo White, por exemplo, prefere voar com as palavras, confessando que só sonhar o mantém vivo. Nas entrelinhas de seus versos, de quando em vez, faz alusão ao sangue que manchou o chão de Moçambique, expressando profunda melancolia por entender que os sonhos foram adiados em razão de um social cheio de incongruências.

Semelhante proposta lírica encontramos em Angola, após 1980, na poesia de Paula Tavares, José Luís Mendonça, João Melo e outros. Deste último, lembramos um contundente poema, no qual o sujeito lírico, não obstante tenha consciência de ser Angola, depois de 40 anos de luta armada, uma pátria em carne viva, é ainda capaz de louvar a doçura dos que preservaram os sonhos. Cito João Melo:

(...)
este é o tempo em que vivo
um tempo de sangue e de guerras
como todos os tempos
(...)
a minha pátria não é o cabide onde penduro o meu casaco

a minha pátria é esta terra
em carne viva, são

estes homens,
orgulhosos e corajosos,
protegendo um sonho,
no meio da morte e do sangue
(MELO, 1989, p. 60)

Conquanto a dor marque o imaginário dos poetas, há na poesia dessa época o propósito de uma recriação constante dos sentidos poéticos da existência. José Luís Mendonça, por exemplo, mostra como o cheiro pútrido da guerra, em Angola, persiste no ar; contudo, por meio da metáfora regeneradora da espuma do mar, fonte de erotismo e vida, procura reinventar profundos significados vitais para os seres humanos. Cito:

(...) sobre a carniça do tempo
(...)
canto enquanto o olhar destroça
o arado cívico da melancolia.

Aqui deixo o registro do eterno
Refazer da espuma dos sentidos
Contra a rocha da Verdade.
(...) (MENDONÇA, 2004, p. 155)

É recorrente nas atuais gerações de poetas, tanto de Moçambique, quanto de Angola, uma consciência de desalento. Guita Jr., jovem poeta moçambicano, critica, em seus poemas, o clima de corrupção e o sentimento de decepção que envolvem seu país. Seu lirismo é cortante em suas acusações e agudo no tecer de metáforas dissonantes. Revendo “o antes e o depois” da paz assinada em 1992, o sujeito poético confessa uma terrível descrença nos homens, nas emoções e nos anseios de todos. Escreve sobre a guerra, sentindo-lhe também os fétidos odores ainda nítidos na memória olfativa da terra:

(...)
na trincheira fétida
a coragem combalida do terror
o asco saturado
moribunda a intenção de matar
a vítima indecisa de morrer
um estilhaço na alma

gangrena
presente o teu retrato
algures camuflado.
(GUITA JR., 2006, p. 43)

Desiludido até com a própria profissão de fé de manter o acurado artefato da linguagem ensinado por Knopfli, o sujeito lírico se questiona: “valerá ainda a razão eterna de existir acororado/ prevalecerá a certeza dos fantasmas castrados/ ou o doce ardor de (...) uma morte incerta?” (GUITA JR., 2006, p. 47). Essa é uma geração perpassada pelo desconolo. Morte, fome, crepúsculo, melancolia são temas recursivos nessa poesia, cuja angústia nada consola, posto que, desesperados, alguns poetas se agarrem ao amor.

No posfácio do livro de Guita Júnior, o jovem escritor angolano Ondjaki compara situações do pós-guerra “civil” vivenciadas em Angola e Moçambique:

não fosse a nossa história tão comum e a guerra poderia fugir aos teus poemas, ou tu a ela, mas parece que o destino do continente exigia que as gentes se cruzassem com o fogo por mais tempo do que aquele que poderiam suportar. Quem de nós (...) poderá dizer que não a sentiu por perto, instigadora e farejante (...)? (GUITA JR., 2006, p. 77)

Essa pergunta – tanto para os moçambicanos, quanto para os angolanos que viveram, durante anos, realidades pungentes de barbárie e crueldade – revela uma forte carga fantasmática, uma vez que, retornando, sempre, como ameaça ou reflexão, como trauma ou cicatriz, propicia que os discursos poéticos, por intermédio de alegóricas ressignificações e intenso labor estético, consigam suavizar e mitigar um pouco, com a beleza da arte, a memória de algo tão macabro e terrível como as experiências de guerra.

Abstract

War representations in poems about Angola and Mozambique. Anti-colonial fights and liberating utopias. The civil wars and the destabilization and disenchant. Historical discontinuities and fractures. Fissured dreams and social dystopias. Catastrophe and melancholy. Memory and forgetfulness. Allegories and metaphors. The exorci-

zing search for the barbarism experiences, through elaborated poetic exercises: words and silence in the flesh. War horrors rethought and re-signified by the beauty and by the art pleasures. Lyric poetry as expression, not only for individual subjectivities, but also as social impacts and ruptures.

Key words: Memory; War; Poetry; Angola; Mozambique.

Referências

- ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, Theodor. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter *et al.* **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- AGOSTINHO NETO, António. **Sagrada esperança**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, [197-].
- BARBEITOS, Arlindo. **Angola, angolê, angolema**. 2 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.
- BARBEITOS, Arlindo. **Fiapos de sonhos**. Lisboa: Vega, 1992.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CARVALHO, Ruy Duarte. **Actas da Maianga... dizer das guerras em Angola...** Lisboa: Cotovia, 2003.
- CELAN, Paul. **Cristal**. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- COUTO, Mia. Palestra na Suíça, em 16 de junho de 2005. Disponível em: <http://www.deza.admin.ch/ressources/resource_es_24839.pdf>
- CRAVEIRINHA, José. **Cela 1**. Lisboa: Edições 70, 1980.
- CRAVEIRINHA, José. **Babalaze das hienas**. Maputo: AEMO, 1992.
- GINSBURG, Jaime. Theodor Adorno e a poesia em tempos sombrios. Revista **Alea**: Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, p. 61-69, jan/jul 2003. Disponível em: <http://scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000100005>
- GUITA Júnior. **Os aromas essenciais**. Lisboa: Caminho, 2006.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MELO, João. **Canção do nosso tempo**. Luanda: UEA, 1989.

MENDONÇA, José Luís. **Cal & Grafia**. 20 anos de poesia. Antologia. Luanda: Kilombelombe, 2004.

SAÚTE, Nélson. **A pátria dividida**. Lisboa: Vega, 1993.

SELIGMANN-SILVA, M. A história como trauma. In: NETROVSKI, A.; SELIGMANN-SILVA, M. (Org). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SELIGMANN-SILVA, M. A literatura do trauma. **CULT - Revista de Literatura Brasileira**. São Paulo, Ano II, n. 23, p. 40-47, jun de 1999.

WEINRICH, Harald. **Lete**. A arte crítica do esquecimento. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WHITE, Eduardo. **Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave**. Lisboa: Caminho, 1992.

WHITE, Eduardo. **Os Materiais do amor seguido de O desafio à tristeza**. Lisboa: Caminho, 1996.